



Revista Pensamento Contemporâneo em Administração  
ISSN: 1982-2596  
jmoraes@id.uff.br  
Universidade Federal Fluminense  
Brasil

Freire de Araujo, Gracyanne; Davel, Eduardo  
EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA, EXPERIÊNCIA E JOHN DEWEY  
Revista Pensamento Contemporâneo em  
Administração, vol. 12, núm. 4, 2018, Outubro-, pp. 1-16  
Universidade Federal Fluminense  
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v12i4.13291>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=441760643002>

- Como citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org



Sistema de Información Científica Redalyc  
Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal  
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso  
abierto



# EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA, EXPERIÊNCIA E JOHN DEWEY

ENTREPRENEURIAL EDUCATION, EXPERIENCE AND JOHN DEWEY

Recebido em 03.09.2018. Aprovado em 08.10.2018

Avaliado pelo sistema *double blind review*

DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v12i4.13291>

## Gracyanne Freire de Araujo

[gracyanne@gmail.com](mailto:gracyanne@gmail.com)

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, BRASIL

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7303-8793>

## Eduardo Davel

[davel.eduardo@gmail.com](mailto:davel.eduardo@gmail.com)

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, BRASIL

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0610-6474>

## Resumo

As pesquisas sobre educação empreendedora reconhecem a importância da experiência como um processo baseado na ação, na prática e na aprendizagem. Todavia, essas pesquisas desconsideram as teorias de experiência no campo da Educação. O objetivo deste artigo é fundamentar a educação empreendedora na teoria educacional de John Dewey que privilegia o conceito de experiência. Essa fundamentação enfoca o contexto do empreendedorismo cultural e se beneficia de uma pesquisa empírica realizada junto a estudantes de graduação em Administração da Universidade Federal de Sergipe. Os resultados da pesquisa definem e discutem quatro dimensões-chave da experiência (dinamismo, reflexão, integração e liberdade) no processo de educação empreendedora. Dessa forma, a pesquisa contribui para aprimorar o registro teórico que orienta as pesquisas sobre educação empreendedora e, por conseguinte, fornece possibilidades de melhor qualificar educadores que se preocupam com a formação de futuros empreendedores.

**Palavras-chave:** Educação Empreendedora. Experiência. John Dewey. Empreendedorismo Cultural.

## Abstract

Research on entrepreneurial education recognizes the importance of experience as a process, based on action, practice and learning. However, that body of research disregard the theories of experience in the education field. The aim of this paper is to create a foundation for entrepreneurial education in John Dewey's educational theory, which highlights the concept of experience. The focus is on the context of cultural entrepreneurship and rely on empirical research carried out with undergraduate students in Management of the Federal University of Sergipe. The results of the research define and discuss four key dimensions of experience (dynamism, reflection, integration and freedom) in the process of entrepreneurial education. Thus, the results contribute to improve the theoretical understanding that drive research on entrepreneurial education. Consequently, it provides possibilities to better qualification of educators concerned by how to educate future entrepreneurs.

**Keywords:** Entrepreneurial Education. Experience. John Dewey. Cultural Entrepreneurship.

NOTA: Agradecemos o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na realização desta pesquisa. A Professora Tânia Fischer e os avaliadores merecem nosso sincero reconhecimento pelo importante estímulo que nos deram na melhoria desse artigo.

## Introdução

A educação empreendedora tornou-se um tema importante para administradores, universitários, desenvolvedores de cursos, servidores públicos e pesquisadores (Kuratko, 2005; Rauch & Hulsink, 2015). Os estudos internacionais sobre educação empreendedora enfocam a formação de empreendedores para a criação de negócios inovadores (Chen *et al.*, 2015; Cope, 2003; Pittaway & Cope, 2007). Este modelo de educação empreendedora é fixado no entendimento do empreendedorismo como um processo. Nesta perspectiva de processo, o empreendedorismo é ensinado de forma competitiva, usando um modelo previsível e linear, em que as etapas devem ser concluídas com ênfase, considerando o planejamento e em um retorno desejado (Neck, Neck & Murray, 2018).

No Brasil, os estudos sobre educação empreendedora abordam as práticas e metodologias de ensino nas universidades. Existem estudos que buscam entender: (a) as pedagogias que estão sendo utilizadas para ensinar o empreendedorismo (Bazanini & Santana, 2015; Lucena, Centurion & Valadão, 2014; Krakauer, Porto, Oliveira e Almeida 2015; Salusse & Andreassi, 2016); (b) as práticas de educação empreendedora em instituições públicas (Lima, Hashimoto, Melhado & Rocha, 2014a; Oliveira, Melo & Muylder, 2016; Silva, Mancebo & Mariano, 2017; Souza & Saraiva, 2010; Vieira, Melatti & Ribeiro, 2011; Vieira *et al.*, 2013); (c) as diferenças e semelhanças do ensino do empreendedorismo entre as instituições brasileiras e estrangeiras (Bernardes & Martinelli, 2004; Ferreira, Ramos & Gimenez, 2006; Guimarães, 2002; Henrique & Cunha, 2008); e (d) os desafios enfrentados por professores e instituições para melhorar a educação empreendedora (Lima *et al.*, 2014b; Lima *et al.*, 2015a; Souza & Saraiva, 2010).

Dentro dessas abordagens de pesquisa sobre educação empreendedora, encontramos estudos que apontam carências didático-pedagógicas na formação empreendedora (Rocha *et al.*, 2011), descompasso entre teoria e prática (Guimarães & Lima, 2016; Lima *et al.*, 2015b; Souza & Saraiva, 2010) e deficiência do suporte institucional para avançar nas práticas pedagógicas (Lima *et al.*, 2014b; Rodrigues, Melo & Lopes, 2013; Souza & Saraiva, 2010). Comumente, as pesquisas sobre educação empreendedora concebem o empreendedorismo como a criação de novos negócios e uma atividade necessária para o desenvolvimento

econômico de um país (Lima *et al.*, 2014a). Nas pesquisas, um indicativo preocupante revela a relação negativa da educação empreendedora com a intenção de empreender e a autoeficácia empreendedora (Lima *et al.*, 2015a), o que levanta questões quanto à qualidade da educação empreendedora realizada nas instituições de ensino superior no Brasil. Ou seja, uma educação empreendedora com qualidade precária afeta negativamente a formação do potencial empreendedor dos estudantes (Lopes, 2017).

Frente a este contexto de pesquisas nacionais e internacionais, percebe-se que os estudos carecem de um respaldo mais significativo do campo da Educação. Muito se discute sobre a experiência no campo da Educação, mas pouco se sabe ainda sobre a experiência dentro do processo de ensino-aprendizagem do empreendedorismo. Ora, a experiência traz dinamismo e força na formação pessoal e profissional de empreendedores na medida em que foca em suas ações e práticas. A experiência torna a aprendizagem da identificação de oportunidades e da tomada de decisões estratégicas algo vivenciado, marcante e aprofundado (Ardichvili, Cardozo & Ray, 2003; Lima *et al.*, 2014a; Lopes, 2010; Morris, Pryor & Schindehutte, 2012; Shane & Nicolau, 2015). Apesar disso, não encontramos pesquisas que destaquem a importância da experiência para a educação empreendedora ou que expliquem o valor da experiência no campo da Educação (Morris, Kuratko & Cornwall, 2013; Neck & Greene, 2011; Neck, Greene & Brush, 2014; Neck *et al.*, 2018).

O objetivo deste artigo é fundamentar o conhecimento sobre educação empreendedora a partir do conceito de experiência no campo da Educação e da vivência empírica deste conceito. John Dewey é um teórico emblemático da Educação, que dedicou uma parte significativa de seus estudos ao conceito de experiência. A articulação entre a experiência em Dewey e a educação empreendedora é relevante porque o conceito de experiência é central tanto nas teorias de Dewey quanto no campo do empreendedorismo. Além das teorias educacionais, a pesquisa baseia-se em uma vivência empírica da experiência empreendedora. Trata-se de uma pesquisa realizada junto a estudantes de graduação em Administração da Universidade Federal de Sergipe durante o processo de educação empreendedora que articulavam teoria e prática, a partir de uma experiência de empreendedorismo de um festival cultural. Os estudantes criaram, organizaram, gerenciaram o festival, realizaram suas

atividades de campo e aplicaram conceitos e teorias sobre empreendedorismo e gestão de eventos. O festival foi um espaço de aprendizagem sobre empreendedorismo, na relação entre conteúdos teóricos e práticas relacionais, mas, sobretudo, de aprendizagem por meio da experiência.

Os resultados da pesquisa aglutinam-se em torno de quatro dimensões da experiência: **dinamismo, reflexão, integração e liberdade**. Essas dimensões surgem da pedagogia de Dewey sobre educação como reconstrução da experiência e ajudam a repensar e melhorar o entendimento da educação empreendedora em termos de experiência. O conceito de experiência é interpretado nesta pesquisa como um pressuposto de que as pessoas estão envolvidas com “ações” e com situações da vida (Dewey, 1934/2010). Essa interpretação sobre a experiência traz uma questão relativa a natureza da educação como uma “prática deliberada”, que enfatiza a responsabilidade dos educadores ao orientar os estudantes a aprenderem a lidar com problemas pessoais e profissionais (Dewey, 1934/2010). Como a experiência, tratada aqui, é uma vivência significativa e vivenciar a experiência é um ritmo de absorções e expulsões, então a experiência é um vivenciar em que são absorvidas e incorporadas as consequências de atos, em que cada um traz em si um significado que foi extraído e conservado (Dewey, 1934/2010).

Este artigo está organizado em três seções, além desta introdução e as conclusões. Na primeira seção apresentamos a educação no campo do empreendedorismo, destacando uma análise do conceito de experiência oriundo das teorias da Educação, no intuito de respaldar o campo da educação empreendedora. Na segunda seção, integramos o conceito de experiência na educação empreendedora, por meio de uma pesquisa empírica. Na terceira seção, argumentamos sobre as perspectivas da educação e experiência em prol do empreendedorismo cultural para a pesquisa sobre a educação empreendedora.

## Educação para o Empreendedorismo: A Importância da Experiência

Podemos conceber experiência de duas formas. A primeira é a concepção atual da experiência nos estudos sobre o empreendedorismo, e em especial sobre a educação empreendedora. Já a segunda é a concepção de experiência sob a perspectiva dos

clássicos em Educação, sobretudo John Dewey. A análise dessas concepções permitiu uma reflexão mais aprofundada sobre a educação empreendedora, com base na experiência em Dewey.

### Educação e experiência no campo do empreendedorismo

O empreendedorismo é usualmente descrito como um agente de mudança social, que transforma e reinventa fronteiras estruturantes do nosso mundo (Bureau & Komporozos-Athanasiou, 2017; Steyaert, 2007). Essa descrição permite interpretar o empreendedorismo como conteúdo chave para a formação do cidadão do século XXI (Hägg, 2017). Para tanto, é necessário entender o empreendedorismo como uma ação experiencial, já que promove a transformação e a reinvenção da sociedade contemporânea. Os estudos sobre empreendedorismo que fazem relação à experiência, descrevem uma experiência focada no desenvolvimento das habilidades empreendedoras, que acabam atendendo uma grande parte dos requisitos do mundo dos negócios (del-Palacio, Sole & Batista-Foguet, 2007).

A experiência tem sido um tema de discussão em diversas áreas do conhecimento. Poucas são as pesquisas que fazem a relação entre empreendedorismo e experiência. A intenção de relacionar empreendedorismo e experiência nesse estudo faz parte de uma pesquisa organizada sob bases conceituais da experiência como um processo de “integração criativa” (Brandt & Elkjaer, 2016), traduzida em termos de ação e prática (Freitag, 2014; Neck *et al.*, 2018) e como uma prática reflexiva (Cunliffe & Easterby-Smith, 2004; Simpson, 2009). Em suma, compreendemos a experiência como uma vivência e para o empreendedorismo, é crucial a experiência como um exercício do aprendizado interior, de criação de conhecimento, de desenvolvimento de habilidades, a fim de criar competências (Freitag, 2014).

Alguns autores estudam a relação entre experiência e educação empreendedora, quando discutem sobre a importância da aprendizagem experiencial para a interação entre o estudante e o meio (Morris *et al.*, 2013; Neck *et al.*, 2018); em um ambiente multidisciplinar e multicultural (Mehta *et al.*, 2016); em que o equilíbrio entre o pensamento reflexivo e a ação é importante para o desenvolvimento do conhecimento empreendedor (Hägg, 2017); como um espaço para trabalhar a ideia da ação subversiva, permitindo que as experiências de vida real despertem



“o empreendedor” dentro do estudante (Bureau & Komporozos-Athanasios, 2017). Alguns autores tratam o conceito de experiência por meio do conceito da provocação, auxiliando o estudante para que seja provocado a agir e refletir sobre suas ações (Hjorth, 2011). No contexto da educação empreendedora, a experiência permite que um estudante execute uma ação e aprenda um princípio ou conceito a partir desta ação e depois reforce o que aprendeu, aplicando-o em alguma situação do mundo real (Morris *et al.*, 2013). A concepção de experiência na educação empreendedora pode ser alimentada por ambientes de aprendizagem que são ricos em diversidade de experiência, de possibilidade de exploração de habilidades pessoais e orientados à geração de novos horizontes de conhecimento (Lima *et al.*, 2014b; Limongi *et al.*, 2012; Oliveira, 2005; Schaefer & Minello, 2016).

Não encontramos pesquisas acadêmicas que façam uma relação direta entre as teorias educacionais e o empreendedorismo. As associações são feitas por meio da perspectiva da aprendizagem experiencial na educação empreendedora, citando Dewey (Hägg, 2017), como teórico importante sobre o conceito da experiência, e Kolb (1984) para explicar a aprendizagem pela experiência (Krakauer, Santos & Almeida, 2017; Lima *et al.*, 2015a; Mehta *et al.*, 2016; Morris *et al.*, 2013; Rae & Carswell, 2000; Zampier & Takahaschi, 2011). Todavia, esses estudos não deixam claro a relação direta existente entre a experiência em Dewey e no empreendedorismo. Desta forma, é importante integrar as teorias de Dewey sobre experiência no âmbito da educação empreendedora. Precisamos avançar nos estudos sobre experiência e empreendedorismo no sentido de conciliar essas duas teorias, demonstrando que esta relação é considerada inovadora no campo do empreendedorismo, pois a experiência conduz para o processo criativo (Morris *et al.*, 2013), ensina a lidar com as mudanças (Schaefer & Minello, 2016), alimenta as atividades de aprendizagem e contribui para a reflexividade (Higgins, Smith & Mirza, 2013).

No campo do empreendedorismo, a experiência se mostra essencial para a educação empreendedora. Quando pensamos a educação pensamos em uma “prática deliberada”, que enfatiza a responsabilidade dos professores ao orientar os estudantes a aprenderem a lidar com problemas pessoais e profissionais (Brandi & Elkjaer, 2016). Nesse sentido, se faz necessário relacionar conceitos tradicionais da experiência com a prática empreendedora, por meio de atividades extracurriculares, laboratórios de experimentação e

realização de pesquisas na área (Lima *et al.*, 2014b; Schaefer & Minello, 2016).

## Educação e experiência no campo da educação: a contribuição de John Dewey

Desde o século XIX, muitos modelos pedagógicos oriundos de outros países foram implementados no Brasil. O modelo que mais se destacou na pedagogia tradicional brasileira e que trouxe resultados positivos, foi a introdução de exercícios de ordem prática e reflexiva na condução do ensino-aprendizagem (Barbosa, 2012). Trata-se de um modelo que buscava o envolvimento ativo no desenvolvimento dos estudantes para que o processo de aprendizagem não se tornasse algo puramente externo. É um modelo em que a aprendizagem representaria um processo de desenvolvimento do indivíduo (Rego, 2014) e a educação seria percebida como uma atividade finalista (Dewey, 1934/2010), pois cada indivíduo aprenderia de forma ativa, a partir do seu, do que lhe é expressivo, importante e que se aproxima do nível de competências que possui (Vygotsky, 1988). Esse modelo, apesar de ter sido almejado, não se consolidou no Brasil (Barbosa, 2012).

Para que o aprendizado seja uma atividade produtiva é necessário que a educação seja vista como um propósito pessoal. Ao mesmo tempo que a educação respeita a personalidade, apoia a democracia, cultiva as características necessárias à sua atividade, ela cria o respeito a si mesmo, a autodireção, a iniciativa, a ação conduzida pelo pensamento, a autocritica e a persistência (Dewey, 1934/2010). A óptica da educação permite que tais posturas promovam um maior engajamento social e a evolução pessoal e a profissional do indivíduo.

O conhecimento profissional deve dar ênfase a aprendizagem por meio do fazer, como a “disciplina primeira ou inicial”, em que o reconhecimento do curso natural do desenvolvimento sempre envolve situações nas quais se aprende fazendo (Schön, 1998/2007; Dewey, 1934/2010). Quando estudantes aprendem fazendo, eles almejam tornar-se especialistas e são iniciados nas tradições da prática (Schön, 1998/2007). As noções de experiência e aprendizagem refletem uma ontologia relacional em que indivíduos e mundo são mutuamente constituídos e se constituem **pelo dinamismo**. A experiência é, neste quadro pragmático de referência, interpretada no pressuposto de que os seres humanos estão comprometidos com “ações” e com as situações em questão, tanto quanto

devem suportar e sofrer, o que é dado pelas situações relevantes (Brandi & Elkjaer, 2016).

A natureza da experiência é fixada pelas condições essenciais da vida. A vida se dá pela interação do indivíduo com um meio ambiente. A todo instante, “a criatura viva” se expõe aos perigos do meio que a circunda, e que a cada instante ela precisa buscar algum fato novo nesse meio para satisfazer suas necessidades. A carreira e o destino de um indivíduo estão ligados a suas trocas com o meio de uma maneira mais íntima (Dewey, 1934/2010). Assim, a experiência pode ser entendida como algo que ocorre continuamente, por que a vinculação do indivíduo com as condições ambientais é inseparável do próprio processo de viver (Dewey, 1934/2010).

As experiências acontecem com um sentido de adaptação. Os indivíduos agem e reagem para se adaptarem e produzirem a **reflexão**, o conhecimento e a reconstrução da experiência. A experiência educativa é a experiência em que o pensamento participa das análises das relações anteriormente não percebidas pelo indivíduo (Dewey, 1934/2010). É um tipo de experiência reflexiva, que permite ao indivíduo adquirir novos conhecimentos ou conhecimentos “mais extensos do que antes” (Dewey, 1971, p. 17). Nisso consiste a educação: um contínuo processo de reconstrução e reorganização da experiência pela **reflexão**. De uma forma mais clara e objetiva, o indivíduo se educa por meio das suas experiências vividas. Essa permanente circulação de reações, experiências e conhecimentos forma a vida dos indivíduos, conduzindo-os a uma eterna renovação de suas existências, em busca de uma eterna reeducação (Dewey, 1971).

A experiência fornece **reflexão** consciente, fornecendo instrumentos que podem orientar melhor as realidades que circundam o cotidiano da vida humana (Dewey, 1934/2010). Ela torna-se significativa quando se completa com a percepção, a análise, a pesquisa, conduzindo o indivíduo a adquirir conhecimentos que os torna mais aptos em promover novas experiências. Assim, o processo de experiência atinge um forte nível de percepção das relações entre as situações e os agentes decorrentes de um aprendizado sob novos aspectos (Dewey, 1934/2010). Além disso, a experiência é uma forma de **integração**, pela qual a situação e os agentes são modificados (Dewey, 1971). Qualquer experiência é uma relação que se estabelece entre situação e agente e que altera a realidade das experiências humanas de

reflexão e conhecimento. Quanto mais experiências o indivíduo dispor, mais será aguçada a sua consciência sobre as suas contradições e desafios. É isso que lhe confere a inquietação, que o torna sempre insatisfeito e faz com que reflita melhor sobre suas ações (Dewey, 1934/2010).

Para Dewey (1971), mais educação significa maior capacidade de pensar, comparar e decidir com convicção. Isso representa a **liberdade** (Dewey, 1971). Para o indivíduo, é importante ter propósitos claros e bem constituídos em sua trajetória de vida. O propósito representa um bem em si, pois idealizar e executar seus projetos significará viver em **liberdade** (Dewey, 1934/2010). A atividade educadora deve ser entendida como uma libertação de forças, tendências e impulsos existentes no indivíduo, que são por ele trabalhados e exercitados, e, consequentemente, dirigidos (Dewey, 1934/2010). A educação é vida e viver é crescer, desenvolver-se. O processo educativo, logo, não possui nenhum fim, além de si mesmo. É o processo contínuo de reorganização, reconstrução e transformação da vida (Dewey, 1971).

## Educação para o Empreendedorismo Cultural: Uma Experiência na Graduação em Administração

A experiência da educação empreendedora foi realizada com os estudantes do curso de Administração da Universidade Federal de Sergipe em um componente curricular voltado para o tema do empreendedorismo. Este componente foi ministrado pela professora (pesquisadora) durante vários semestres letivos, utilizando-se de uma pedagogia tradicional de ensino, com aulas expositivas, discussão de estudos de casos, elaboração de plano de negócios e o exercício do trabalho em grupo. Nesta pedagogia tradicional, a experiência não era desenvolvida entre os estudantes, apesar do componente curricular está voltado para o empreendedorismo.

Com o tempo e leituras sobre outras perspectivas em educação empreendedora e educação pela experiência, a professora-pesquisadora mudou sua pedagogia e instaurou uma alternativa baseada na pedagogia experiencial, em que os estudantes iriam aprender a empreender por meio da prática de empreendimento de um festival cultural. O foco dado para um empreendimento cultural, partiu da importância da

mobilização da cultura na região em que a universidade está enraizada. A vivência dos estudantes com a cultura pode ser discutida por meio do empreendedorismo cultural, como um contexto diferenciado dentro da temática do empreendedorismo (Sousa, Paiva & Xavier, 2015; Davel & Corá, 2016). O contato com empreendedores culturais e com o campo da cultura permitiu que os estudantes vivenciassem uma área pouco discutida entre eles na academia, inaugurando um novo olhar para os negócios culturais e para a economia criativa.

A pesquisadora encontrou uma turma acostumada com aulas tradicionais, estudantes sem reflexão sobre o tema, passivos, sem questionamentos, acomodados, sem perspectiva de aperfeiçoamento profissional. Todos se sentiam confortáveis com esta metodologia de ensino. Na medida em que as aulas avançavam e que a pedagogia experiencial era aplicada, os estudantes sentiam-se desafiados e preparados para saírem da “zona de conforto”. Os estudantes trocavam experiências que criava um **dinamismo** importante entre eles para o avanço das metas de organização do empreendimento cultural. Cada tarefa realizada, cada imprevisto que surgia, permitia uma **reflexão** entre os estudantes sobre as decisões que tomavam e uma análise dos erros e dos acertos na criação e gestão do empreendimento. Contudo, havia também um controle das emoções e do desenvolvimento de habilidades. Foi, então, que o trabalho em equipe se tornou um novo desafio para os estudantes, no sentido de reforçar a **integração** e o respeito ao próximo entre os colegas. Além disso, os estudantes se sentiam livres para expressarem suas opiniões e serem autônomos na condução do empreendimento. A **liberdade** de emancipação conduziu o trabalho em prol do sucesso do festival.

Estas dimensões **dinamismo, reflexão, integração e liberdade** que foram identificadas no caso empírico e que surgiram a partir da experiência em Dewey contribuíram para uma análise mais aprofundada desta pesquisa. São dimensões que emergiram durante as aulas, com reflexos positivos na vida pessoal e profissional dos estudantes como participantes de um processo de ensino-aprendizagem do empreendedorismo, a partir da experiência. A experiência dentro desse ambiente de educação empreendedora desenvolveu habilidades e competências dos estudantes, auxiliando-os na promoção do senso de criatividade, de autoconfiança e de aperfeiçoamento do conhecimento dentro das variantes da experiência do ato de empreender.

## Metodologia de pesquisa

A pesquisa empírica é qualitativa, orientada pela reflexividade da prática do empreendedorismo (Alvesson & Sköldbberg, 2000), pela exploração, descrição e interpretação de um estudo para gerar novas categorias de ensino-aprendizagem do empreendedorismo. A professora-pesquisadora ministrou o componente curricular (30 a 40 estudantes, em média) durante 4 semestres consecutivos. O ensino-aprendizagem deste componente curricular foi orientado pelo processo de educação empreendedora na articulação entre teoria e prática, tendo o empreendedorismo de um festival cultural como seu núcleo experiencial.

Durante as atividades de integração, os estudantes foram divididos em 6 equipes de empreendimento: recursos, marketing, logística, segurança, comunicação e transporte (e alimentação). Cada equipe se responsabilizou pela realização de suas atividades na criação e organização do festival cultural. Todas as equipes compartilhavam uma única plataforma informática (o aplicativo trello.com) para a gestão deste projeto empreendedor.

As aulas foram ministradas mesclando atividades teóricas e práticas. As aulas com temáticas teóricas foram conduzidas por teorias sobre empreendedorismo e gestão de eventos. As aulas práticas foram orientadas pela prática de gestão de eventos, em que os estudantes aprenderam a gerenciar o empreendimento, realizando atividades para a organização do festival. Durante as aulas foram discutidos assuntos como: inovação, criatividade, curadoria, critérios de formação do público e programação do festival. Em todas as aulas, as equipes tiveram um tempo determinado para apresentarem e debaterem o avanço das atividades para a organização do empreendimento. Nesses momentos, as equipes estavam construindo reflexões entre teoria e prática. Os estudantes refletiam sobre a experiência de organizarem um festival a partir da prática da criatividade e da emoção.

Para a curadoria do festival cultural, cada equipe foi responsável por assegurar a participação de um artista sergipano e um artista nacional, totalizando 12 artistas. Além da curadoria, as equipes mobilizavam a participação do público estadual para o empreendimento. Um dos focos para a formação de público era contatar e convidar estudantes do ensino médio das escolas da rede pública e privada e a comunidade em geral. Os estudantes, por meio das



equipes, estavam em plena interação para organizarem o festival. Ao mesmo tempo, eles foram provocados para praticarem a formação de público e a programação do festival com artistas nacionais e estaduais.

No processo de educação empreendedora, os estudantes refletiam sobre as aprendizagens empreendedoras e como eles aprenderam a ser empreendedores através da experiência (organização do festival). Para compor a nota final do componente curricular, os estudantes foram avaliados por meio de 5 atividades (3 atividades por equipes e 2 atividades individuais). As atividades em equipe foram: (a) plano de empreendimento; (b) relatório de atividades para o empreendimento e (c) relatório de avaliação do empreendimento. As atividades individuais foram: (a) crítica colaborativa e (b) diário de bordo empreendedor. Cada atividade teve um prazo de entrega para a avaliação da professora. Todos esses documentos foram produzidos em um contexto particular (Prior, 2003), em que os estudantes descrevem formalmente.

No trabalho de crítica colaborativa, cada estudante refletia e comentava sobre as sugestões das outras equipes, construindo críticas construtivas que ajudaram as equipes a conduzirem melhor seus planos de ação. No trabalho de diário de bordo empreendedor, o estudante refletia sobre as aprendizagens para ser um empreendedor. Nesse trabalho, o estudante relatava textualmente como aprendeu a ser empreendedor por meio da prática da criatividade e da emoção, ao longo do processo de educação para o empreendedorismo cultural. Paralelamente à construção do diário de bordo empreendedor, os estudantes apresentavam um vídeo fornecendo relatos detalhados e contextuais das suas experiências de processo criativo e aprendizado empreendedor. Os vídeos são fontes ricas de informações na pesquisa qualitativa (Heath, Hindmarsh & Luff, 2010; Morgan, Game & Slutskaya, 2018). Eles apresentaram um detalhamento sofisticado sobre os momentos de criatividade dos estudantes. As fotos foram produzidas como registros de momentos emocionais em condições desafiadoras de dificuldades enfrentadas pelos estudantes no decorrer do empreendimento cultural. Além de seu conteúdo emocional, as fotos revelam informações sobre relações contextuais que tendem a ser ausentes nas notas de campo ou em dados de entrevista (Kunter & Bell, 2006; Warren, 2018).

As entrevistas semiestruturadas, como outra fonte de informação, foram realizadas com os estudantes para refletir sobre o curso, sua pedagogia de ensino

e seus efeitos de aprendizagem. Essas entrevistas em grupo captaram as informações dos estudantes sobre suas inquietações, dificuldades e aprendizagens. Este foi um momento de reflexão sobre as experiências, criatividade e emoções vivenciadas durante as aulas como base para o aprendizado empreendedor. O conjunto da informação empírica foi analisada e interpretada a partir da perspectiva da narrativa, a qual confere maior atenção na relação entre as histórias pessoais e o meio de investigar as qualidades emocionais e éticas constitutivas da realidade (Czarniawska, 2004; Gabriel, 2018; Gubrium & Holstein, 2009; Kim, 2016; Maitlis, 2012; Riessman, 2008). O encerramento de cada semestre letivo acontecia com aulas reflexivas, depois do festival ter sido apresentado para a sociedade local. Nessas aulas reflexivas, os estudantes avaliaram o empreendimento e o componente curricular, além de concluir sobre o processo de educação empreendedora.

### A Experiência no processo de educação

As dimensões **dinamismo, reflexão, integração e liberdade** apareceram na experiência vivenciada pelos estudantes durante o processo de ensino-aprendizagem do empreendedorismo. Essas dimensões são apontadas na pedagogia de Dewey sobre educação, reforçam a reedificação da experiência e contribuem para o entendimento da educação empreendedora pela experiência. A experiência é concebida, nesta pesquisa, como um propósito de que as pessoas estão envolvidas com “ações” (prática deliberada) e com situações da vida (Dewey, 1934/2010). Nas aulas, eram perceptíveis como os estudantes narravam que eram **dinâmicos** ao gerenciar o Festival de Artes Empreendedoras (FAE). Em cada desafio lançado pela professora, eles saíam da “zona de conforto”, buscavam alternativas para a solução de problemas, tomavam decisões. As equipes de empreendimento se organizavam para buscar patrocínio, divulgar o festival, comercializar lanches, vender brindes e rifas para arrecadar dinheiro, a fim de pagar os custos quanto a alimentação e transporte dos artistas convidados para o festival. Todas essas ideias surgiam à medida que os estudantes discutiam e agiam em prol do festival cultural.

Através da experiência de organizar o FAE, os estudantes ampliaram e fortaleceram a rede de contatos, a qual contribuiu para que os custos de organização do festival fossem reduzidos. Com esse **dinamismo**, sempre tinha um estudante que era amigo ou conhecido de um profissional de som, de



iluminação, do responsável pelo espaço do festival que pudesse ser contrato a custos reduzidos ou de forma gratuita. Os estudantes criavam rifas de produtos doados por patrocinadores para serem vendidas e o dinheiro arrecadado contribuía para as despesas como camisetas para serem usadas durante as aulas (como forma de divulgação do festival) e no dia do FAE, além de separarem uma reserva em dinheiro para supostos imprevistos.

Por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas em sala de aula, nos momentos de reflexão, os estudantes descreviam suas experiências quando eram questionados sobre a aprendizagem pela experiência e era claro nas respostas como esse **dinamismo** se fazia presente entre eles. Alguns estudantes contaram que no momento de pedir patrocínio a conhecidos eram bem recepcionados e apoiados pelos empresários da cidade. Isso os motivavam a trabalhar na organização do evento, mesmo recebendo alguns “nãos”. Esta energia animava-os a continuar cursando o componente curricular. Outros estudantes ficavam satisfeitos quando vários artistas solicitavam participar no festival. Isto se devia ao bom trabalho de divulgação e do resultado positivo das versões anteriores do festival, o que dava credibilidade ao evento.

Nos trabalhos de diário de bordo empreendedor, a maioria dos estudantes descreviam a experiência de venderem bilhetes da rifa para arrecadar dinheiro para o evento. Muitos desses relatos demonstravam o quanto eles sentiam dificuldades para vender um bilhete e mobilizavam a família, amigos e conhecidos para os ajudarem nessa empreitada. As dificuldades vinham da timidez, pela falta de tempo ou por não saberem vender. Entretanto, essas dificuldades, segundo os estudantes em seus relatos, foram superadas pelo **dinamismo** que o evento proporcionou. Era uma oportunidade de vencer desafios e enfrentar os medos. Em seu diário de bordo, um estudante descreve uma foto em que ele aparece com a mãe para falar sobre o desafio de vender a rifa: “Momento desafiador e de realização pessoal, onde contei com a ajuda de minha mãe para conseguir vender todos os bilhetes de nossa rifa. Oferecemos a nossos amigos e família que não pensaram duas vezes em nos ajudar, alcançando êxito na venda de todos os bilhetes em menos de 20 dias”.

O **dinamismo** se configurou na educação empreendedora por meio do reconhecimento dos estudantes envolvidos em situações nas

quais aprenderam fazendo (Dewey, 1934/2010; Schön, 1998/2007). Os estudantes aprenderam ou desenvolveram habilidades “fazendo”. As ações de experiência e aprendizagem se constituíram de forma dinâmica durante a organização do FAE, atribuído como um processo dinâmico de ensino-aprendizagem do empreendedorismo. As trocas de experiências entre os colegas, artistas e público foram consideradas como um processo dinâmico, que influenciou na educação empreendedora baseada na prática (Neck *et al.*, 2018).

As experiências são suscetíveis a adaptação (Dewey, 1934/2010). Os estudantes agiram e reagiram para se adaptarem ao meio, aos colegas de equipe e a própria proposta do FAE. Chegaram a **reflexão** de como aprenderam por meio da experiência. A experiência enquanto processo educativo é a experiência em que o pensamento participa das análises das relações anteriormente não percebidas pelo indivíduo (Dewey, 1934/2010). Foi dessa forma que os estudantes refletiram sobre seus comportamentos e atitudes em relação a serem pacientes com as situações que fogem do seu controle e/ou com um colega. Refletiram sobre a importância de ouvir o outro, de considerarem seus erros e acertos, de respeitarem as diversas visões e sugestões. Durante as entrevistas em sala de aula e pela leitura dos diários de bordo empreendedor, os estudantes relatavam momentos em que refletiam sobre como estavam se educando por meio das experiências vividas nas atividades de criação, organização e gestão do empreendimento na forma de festival cultural para a sua localidade.

Os estudantes expressavam situações pelos vídeos em que aprenderam a reagir de forma mais cautelosa do que reagiriam anteriormente. Muitos estudantes refletiram sobre como enfrentaram a timidez de vender um bilhete da rifa, sobre como receberam um “não” de empresários, sobre como os imprevistos acontecem, sobre como nem sempre o que é planejado acontece, sobre como planejam a relação família-trabalho-universidade, já que consideraram uma tarefa difícil organizar um festival em 4 meses, ao mesmo tempo em que estudam e trabalham. Isto se estabelece na busca da reeducação (Dewey, 1934/2010) e é nisso que consiste a educação empreendedora pela experiência, uma educação que possibilite **reflexões** sobre realidades vividas. Por meio delas, todos aprendem a interagir melhor com o meio e a participarem de um processo de transformação humana, adquirindo um horizonte de conhecimentos (Morris *et al.*, 2013). Os

estudantes relataram em seus diários que aprenderam a planejar na prática, a organizarem melhor o seu tempo e a definirem o que é prioridade em suas vidas, visto que o tempo para a organização do festival sem recursos financeiros é limitado.

Na décima aula de cada semestre, os estudantes foram levados a refletirem sobre a aprendizagem pela experiência. Muitos relataram que aprenderam a ser resilientes, pois o fato de estarem em um componente curricular com uma metodologia tão diferente das pedagogias tradicionais de ensino no curso de Administração, permitiram que eles enfrentassem esse desafio. Além disso, outros aprendizados foram relatados pelos estudantes: (a) relacionar teoria e prática, (b) estabelecer metas, (c) comunicar-se melhor com empresários, colegas e público, (d) aprender com as diferenças, (e) a ouvir, (f) a receber um “não” (g) a trabalhar em equipe e (h) a observar.

A **reflexão** forneceu aos estudantes ferramentas que os ajudaram nas decisões do cotidiano do componente curricular (trabalhos com nota) e, conseqüentemente, no empreendimento do FAE. A experiência de empreender um festival tornou-se significativa quando ela permitia que os estudantes percebessem e analisassem suas ações, tornando-os mais aptos para enfrentarem novas experiências. Esta é uma das contribuições da experiência na teoria de Dewey (1971) para a educação empreendedora. Os estudantes têm a oportunidade de alcançarem novos conhecimentos por meio das suas reflexões vividas em sala de aula. Em seu diário, um estudante explica: “Conforme trabalhávamos na realização das atividades propostas, afluíam habilidades que talvez nunca seriam despertadas como ter iniciativa, ser observador, tomar decisões, ser comunicativo, ouvir mais o que o outro tinha a dizer, se colocando no lugar do outro”.

A **integração** é uma dimensão destacada na experiência da educação empreendedora por se tratar do poder da prática e da reflexão. A organização do FAE foi constituída de forma integradora. A experiência é considerada uma integração entre situação e agente e que altera a realidade das experiências humanas de reflexão e conhecimento (Dewey, 1971). Tanto as situações vividas pelos estudantes quanto os estudantes (agentes) foram transformados. Os depoimentos demonstram esse processo de mudança, de como se tornaram pessoas melhores, depois da experiência de empreender o FAE.

Nos diários, alguns relatos explicam que depois dessa experiência de educação empreendedora, eles começaram a enxergar a vida e o curso de Administração de uma outra forma. A educação empreendedora despertou nos estudantes algo que nem eles conheciam. Alguns relatam que descobriram que são comunicativos e bons vendedores, pois tiveram uma boa experiência em vender rifas e brindes doados por patrocinadores e que depois dessa experiência identificaram uma oportunidade para gerarem uma renda extra. Outros estudantes se identificaram com a proposta do componente curricular e iriam investir no empreendedorismo de eventos. Com efeito, houve estudantes que se descobriram empreendedores, como explicam esses dois estudantes, a seguir. “Me senti empreendedora quando não desanimei diante das dificuldades; enfrentei meus medos; quando eu pensei em alternativas para não ficarmos parados e conseguir recursos”. “Posso falar agora com essa experiência vivida, que empreender é muito difícil e desafiador, e que estou pronta pra ser uma futura empreendedora”.

Dentro dessa **integração**, uns ajudavam os outros. Durante os debates em sala de aula sobre os avanços de atividades das equipes, os estudantes relatavam essa integração. Se uma equipe não conseguisse, dentro do prazo estipulado pela professora, convidar um artista nacional, outras equipes se mobilizavam para ajudar os colegas. Quanto as rifas, se algum colega não conseguia vender a quantidade mínima de bilhetes, um outro colega se prontificava em ajudar a vender o restante dos bilhetes. Sobre a **integração**, muitos estudantes explicam em seus diários de bordo que durante o experimento aprenderam a trabalhar em equipe. Em um mundo considerado individualista, o trabalho em equipe foi um grande desafio enfrentado por todos. Na maioria dos diários, esse era considerado como um grande desafio a ser enfrentado e um processo importante de aprendizagem. Todos se conscientizaram da importância em trabalhar de forma coletiva, em prol do bom andamento das atividades empreendedoras do festival. Em seu diário, um estudante revela: “Vou levar para vida o que aprendi: aceitar e enfrentar os desafios, valorizar o grupo. Foi graças à união e empenho de todos que tudo deu certo”.

Nos relatos, os estudantes aprenderam se apoiando na experiência de **integração** com o meio (Dewey, 1934/2010), com os colegas, com a universidade, com os artistas, com os empresários (patrocinadores), com a comunidade. Os desafios que enfrentavam no decorrer

do componente curricular eram de ordem pessoal e profissional. Assim, a **integração** é uma dimensão na concepção de Dewey sobre experiência que contribui para pensarmos a educação empreendedora. A integração auxilia os estudantes a compreenderem melhor suas práticas, emoções e atitudes individuais. Com isso, forma futuros profissionais mais capacitados a se inserirem no mercado de trabalho. A integração na educação empreendedora amplia o conhecimento do ambiente em que o estudante está inserido, através de uma troca mútua de experiência e aprendizado.

A educação representa uma capacidade grandiosa de pensar, comparar e decidir com convicção (Dewey, 1971). Se não for assim, não há **liberdade**. Durante a experiência de educação empreendedora, os estudantes exercitaram o senso de **liberdade**. Eles pensavam em diversas possibilidades no empreendedorismo do FAE, tais como: o dia e o tema do festival, a curadoria, a distribuição de tarefas, as inovações, quais as prioridades para a realização do festival, os custos para a organização, etc. Os estudantes tinham autonomia para decidirem o que seria melhor para eles e para o FAE. Os depoimentos nos diários e nas entrevistas mostraram que a experiência pedagógica fugiu ao que lhe era rotineiro e impactou com veemência em suas vidas, estimulando uma aprendizagem a partir de um relacionamento livre entre teoria e prática.

A **liberdade** ofereceu o desenvolvimento de habilidades pessoais que eles mesmos não sabiam que possuíam. Permitiu aprimorar as que já possuíam e levar a experiência para outros âmbitos da vida pessoal e profissional. Nos diários, os estudantes relatam que começaram o semestre desmotivados, por motivos pessoais ou pela própria estrutura curricular do curso. Todavia, depois que eram introduzidos numa pedagogia de ensino que articula teoria e prática, eles se estimularam com a condução do componente curricular e com os depoimentos de colegas que participavam em semestres anteriores. Nas entrevistas, os estudantes expressavam seus pensamentos, sem inibição diante de grandes discussões. Alguns estudantes que não expressavam seus pensamentos por medo ou timidez, no início das aulas, depois de um tempo, acabavam falando o que pensavam e sentiam. Em seu diário de bordo, um estudante revela: “A disciplina me ajudou a diminuir minha timidez sem ficar com medo de dar minhas opiniões e sugestões. Criei mais perspectiva sobre o curso. Me deu um grande estímulo. Me ajudou a organizar melhor meu tempo e minhas atividades”.

A **liberdade** de se expressar é uma forma de como os estudantes se engajam no processo de aprendizagem do empreendedorismo e ficam mais receptivos para participarem de uma educação crítica (Bureau & Komporez-Athanasios, 2017), em um ambiente que torne o estudante o verdadeiro protagonista (Freire, 1996). Para o estudante, é salutar ter objetivos claros e bem definidos em sua trajetória de vida, pessoal e profissional, visto que projetar suas ideias é viver em **liberdade** (Dewey, 1934/2010). Esse despertar, na forma de liberdade, é explicitado por um estudante em seu diário de bordo: “Além da realização do festival, o papel essencial das aulas foi despertar em cada estudante as vocações que temos, aliando a teoria à prática, colocando desafios, estabelecendo metas. É isso que nos motiva: a busca por evolução e melhoria contínua”.

Dimensão extraída da experiência em Dewey (1971), a **liberdade** traz novos horizontes conceituais para a educação empreendedora. Quanto mais o estudante dispõe de **liberdade** para se expressar, mais ele/a se torna um ser humano criativo e produtivo. Assim, o estudante consegue ser mais reflexivo, integrador e dinâmico, o que ajuda na sua formação empreendedora.

Constata-se que as características e habilidades pessoais para empreender podem ser desenvolvidas e melhoradas com a educação empreendedora centrada na experiência. Os estudantes aperfeiçoam seus conhecimentos sobre o empreendedorismo por meio da experiência. Todavia, quando a aprendizagem é calcada na experiência, não somente a educação se dinamiza em torno de conhecimentos. O principal ganho de aprendizagem é a disposição pessoal em querer aprender, ou seja, a experiência anima e motiva os estudantes a quererem se tornar empreendedores em suas vidas. Por meio da experiência, os estudantes podem estimular o pensamento criativo, a geração de inovações e o fortalecimento da autoestima e do senso de responsabilidade.

Em suma, esses resultados mostram a necessidade de avançar no conhecimento sobre o ensino-aprendizagem do empreendedorismo a partir da experiência. Ao considerarmos as quatro dimensões, a partir da experiência em Dewey, temos condições de repensar a forma de ensinar empreendedorismo por meio da experiência. Para contribuir com esse avanço, algumas propostas serão apresentadas na próxima seção.



## Educação e Experiência em prol do Empreendedorismo: Concepções e Desafios

Nossa proposta de relacionar a educação empreendedora com experiência busca apresentar novos horizontes de possibilidades educacionais para o empreendedorismo. Os resultados desta pesquisa, e de outras (Anjos, Fachine e Nóbrega, 2005; Lima et al., 2014a; Oliveira, 2016; Rocha & Freitas, 2014), apresentam uma situação de educação empreendedora que orienta para a necessidade de melhorias. As melhorias devem ser ajustadas em relação ao objetivo da educação empreendedora, transmitindo conhecimentos teóricos, competências, desenvolvendo habilidades e motivando os estudantes para a escolha de carreira que almejam.

Os formadores poderão se apropriar dessas dimensões (**dinamismo, reflexão, integração e liberdade**), a partir da experiência em Dewey, para aprimorar suas atividades educacionais se o objetivo é estimular a aprendizagem do empreendedorismo. Tais dimensões contribuem para uma educação empreendedora mais independente, que permite ao estudante vivenciar, experimentar, colocar em prática o seu aprendizado. A experiência na educação empreendedora é um processo dinâmico em que os estudantes aprendem ou desenvolvem habilidades “fazendo”. A exploração do desenvolvimento educacional sempre envolve situações nas quais se aprende fazendo (Dewey, 1934/2010).

A carreira de um indivíduo está diretamente ligada a suas trocas com o meio de uma maneira mais íntima (Dewey, 1934/2010). Assim, a experiência pode ser interpretada como uma vivência interminável, progressiva e contínua. A exposição do indivíduo ao meio e suas condições ambientais, remete o estudante ao seu próprio processo de viver (Dewey, 1934/2010). Esta compreensão da experiência na educação empreendedora estimula os estudantes a refletirem sobre situações vividas e a aprenderem através delas. Aprendem a interagir com o meio e a participarem de um processo de transformação humana. Dewey (1934/2010) sugere que a condição humana floresce na interação social. Os seres humanos nascem como seres sociais. Através de suas experiências e relacionamentos com os outros, os seres humanos desenvolvem um senso de si mesmo (Kelemen, Rumens & Vo, 2018). Isso possibilita a ampliação do horizonte de conhecimentos dos estudantes e, por

consequente, a ampliação do sentimento de liberdade. Os estudantes conseguem pensar, decidir e se expressarem diante de suas ações de uma forma mais sofisticada.

A concepção da educação empreendedora com base nas dimensões do **dinamismo, reflexão, integração e liberdade** acarreta várias contribuições. Permite um avanço no modelo vigente de ensino-aprendizagem do empreendedorismo, redireciona pesquisas para novos conceitos que conduzam uma melhor prática da educação empreendedora, os quais constituirão em inovações no processo de ensino-aprendizagem do empreendedorismo. Isto proporcionará um melhor engajamento dos estudantes ao processo educacional, que estarão dispostos a aprenderem de forma prática. É uma maneira de repensar caminhos pedagógicos de relação e interação dos agentes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. É preciso que o estudante seja o protagonista do processo de aprendizagem e que o professor seja um mediador, provocador, estimulador e orientador (Freire, 1996), quando valoriza a experiência na educação empreendedora.

Os principais desafios para integrar a experiência como eixo estruturante da educação empreendedora são desafios de como confrontar os padrões tradicionais e arraigados de ensino. Para enfrentar esses desafios será necessário conscientizar os professores da importância desse modelo educacional baseado na experiência e que o empreendedorismo requer prática (Neck & Greene, 2011; Neck et al., 2018). Um outra forma de enfrentamento é a de combater a mentalidade das instituições de ensino que possuem um modelo pedagógico voltado para uma roteirização, em que ensinar empreendedorismo é um processo engessado, a exemplo do uso exagerado de plano de negócios como técnica de ensino do empreendedorismo (Lima et al., 2014b). Uma terceira forma de enfrentamento se dá por meio de estratégias para despertar o interesse do meio acadêmico em pesquisar mais sobre as teorias educacionais voltadas para as dimensões prático-reflexivas.

Os impactos desta pesquisa no campo da educação empreendedora são múltiplos. O impacto teórico permite ampliar e fundamentar a concepção de educação empreendedora, orientando pesquisadores da área a reverem novos estudos e práticas para a educação empreendedora, abrindo novos caminhos para pesquisas inovadoras, ampliando o conhecimento, com novas preocupações e olhares para o campo da educação empreendedora. Quanto ao impacto prático, a concepção fundamentada de experiência concede a



possibilidade de melhorias na prática dos educadores, revisando suas competências pedagógicas e refletindo sobre novos horizontes de ensino-aprendizagem do empreendedorismo.

## Conclusões

As pesquisas sobre educação empreendedora mostram uma realidade de educação deficiente, limitada em uma pedagogia tradicional focada em aulas expositivas, na elaboração de planos de negócio, no uso de estudos de casos e exercícios. Este panorama representa um processo de educação que é aplicado em etapas, sem reflexividade, sem avanço do conhecimento, em que o estudante, que deveria ser o protagonista, é um agente quase passivo, com poucas oportunidades de desenvolver suas habilidades pessoais. O objetivo da pesquisa foi alcançado quando fundamentamos o conhecimento sobre educação empreendedora a partir do conceito de experiência em Dewey por meio da vivência empírica deste conceito. Os estudantes aprenderam a empreender pela experiência por meio da pedagogia experiencial nas aulas de empreendedorismo. Esse processo de ensino-aprendizagem do empreendedorismo pela experiência permitiu que os estudantes empreendessem, na prática, um festival cultural. Isso proporcionou a aprendizagem pela experiência. Esta vivência se traduziu em um processo **dinâmico** em que os estudantes interagiram com a universidade, colegas de curso, artistas, público, empresários e sociedade local, a fim de colocar em prática as atividades para a realização do festival. A todo momento, os estudantes se envolviam no planejamento do componente curricular, ativando a relação teoria e prática por meio do empreendedorismo do Festival de Artes Empreendedoras.

A **reflexão** e a **integração** – dimensões importantes no entendimento de Dewey sobre experiência – contribuem para a educação empreendedora, proporcionando aos estudantes uma melhor compreensão sobre suas ações, emoções e atitudes individuais. São dimensões que os auxiliam em sua formação pessoal e profissional. A educação empreendedora pela experiência requer prática e foi através da prática que os estudantes conseguiram refletir sobre suas ações, interagiram com o meio em que estavam inseridos, aprenderam e adquiriram conhecimento.

A **liberdade** – dimensão na teoria de Dewey – contribui para a experiência na educação empreendedora. Quanto mais o estudante possui a liberdade de se expressar no

processo de aprendizagem, ele/a se torna produtivo e reflexivo, o que contribuiu para a sua formação intelectual e profissional. A liberdade de se expressar (pensamento) ou utilizar da estratégia de diálogos subversivos (Bureau & Komporezos-Athanasίου, 2017) podem ser decretados entre estudantes e professores como uma forma de engajamento no processo de aprendizagem. As implicações disso para o ensino do empreendedorismo crítico é a criação de um ambiente de educação cada vez menos cômodo (Bureau & Komporezos-Athanasίου, 2017). Os estudantes se sentem mais livres em poder tomar decisões na condução de suas atividades acadêmicas, se sentem mais “pertinentes” ao processo de ensino-aprendizagem, o que os tornam mais produtivos, se empenham na condução das tarefas pedagógicas e aprendem. A liberdade possibilita aos estudantes a oportunidade de identificarem suas potencialidades e desenvolvê-las, auxiliando no amadurecimento pessoal e intelectual, além de contribuir para uma reflexão introspectiva a respeito dos seus propósitos de vida. Com efeito, a educação empreendedora pela experiência pode ser repensada como uma forma mais dinâmica, inovadora e propensa para a mobilização pessoal e profissional do estudante, melhorando suas habilidades e competências, preparando-o para uma visão analítica do mercado de trabalho.

Diante desta proposta conceitual sobre a experiência na educação empreendedora, com respaldo empírico, novas pesquisas poderão ser desenvolvidas para integrar mais as dimensões, expandindo suas raízes em outras teorias educacionais. Os resultados da pesquisa mostram que ao integrar a experiência na educação empreendedora é uma forma estimulante de pensar sobre o ensino do empreendedorismo, criando possibilidades de transmitir conhecimento teórico e de desenvolver novas estratégias de motivar os estudantes para alcançarem os seus desejos pessoais e profissionais.

## Referências

- Alvesson, M., & Skoldberg, K. (2000). *Reflexive Methodology: New Visits for Qualitative Research*. London: SAGE.
- Anjos, G. C. B., Fachine, G. F., & Nóbrega, A. L. (2005, agosto). Percepção empreendedora dos estudantes de graduação: um estudo de caso no curso de administração da UFCG. *Anais dos Seminários em Administração FEA-USP*, São Paulo, SP, Brasil, 8.

- Ardichvili, A., Cardozo, R., & Ray, S. (2003). A theory of entrepreneurial opportunity identification and development. *Journal of Business Venturing*, 18, 105-123.
- Barbosa, A. M. (2012). *Arte-educação no Brasil* (7a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Bazanini, R., & Santana, N. C. (2015). Gestão e conhecimento nas ciências sociais aplicadas: uma experiência didática relacionada ao ensino-aprendizagem da disciplina filosofia da administração. *Revista Perspectivas em Gestão e Conhecimento*, 5(1), 64-84.
- Bernardes, M. E. B., & Martinelli, D. P. (2004). Programa de empreendedorismo em instituições de ensino superior: reflexões a partir de algumas experiências canadenses e americanas. *Revista de Negócios*, 9(2), 117-126.
- Brandi, U., & Elkjaer, B. (2016). Management education in a pragmatist perspective after Dewey's experimentalismo. In C. Steyaert, T. Beyes & M. Parker (Eds.), *The Routledge Companion to Reinventing Management Education* (Chap. 14, pp. 193- 205). New York: Routledge.
- Bureau, S. P., & Komporozos-Athanasious, A. (2017). Learning subversion in the business school: an 'improbable' encounter. *Management Learning*, 1-18. Recuperado de <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1350507616661262>.<http://dx.doi.org/10.1177/1350507616661262>
- Chen, S.-C., Hsiao H.-C., Chang J.-C., Chou C.-H., Chen C.-P., & Shen C.-H. (2015). Can the entrepreneurship course improve the entrepreneurial intentions of students? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(3), 557-569. <http://dx.doi.org/10.1007/s11365-013-0293-0>
- Cope, J. (2003). Entrepreneurial learning and critical reflection discontinuous events as triggers for 'higher-level' learning. *Management Learning*, 34(4), 429-450. <http://dx.doi.org/10.1177/1350507603039067>
- Cunliffe, A. L., & Easterby-Smith, M. (2004). From reflection to practical reflexivity: experiential learning as lived experience. In M. Reynolds & R. Vince (Eds.), *Organizing Reflection* (Chap. 3, pp. 30-46). Hampshire: Ashgate.
- Czarniawska, B. (2004). *Narratives in social science research*. London: Sage Publications.
- Del-Palacio, I., Sole, F., & Batista-Foguet, J. M. (2007). University entrepreneurship centres as service businesses. *The Service Industries Journal*, 28(7), 939-951.
- Davel, E., & Corá, M. A. J. (2016). Empreendedorismo cultural: cultura como recurso retórico, processo de criação e de consumo simbólico. *Políticas Culturais em Revista*, 9(1), 363-397.
- Dewey, J. (1971). *Vida e educação* (7a ed., A. Teixeira, Trad.). São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Dewey, J. (2010). *Arte como experiência* (V. Ribeiro, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1934).
- Ferreira, J. M., Ramos, S. C., & Gimenez, F. A. P. (2006). Estudo comparativo das práticas didático-pedagógicas do ensino de empreendedorismo das universidades brasileiras e norte-americanas. *Revista Alcance*, 13(2), 207-225.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (20a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Freitag, M. S. A. E. (2014). Aprendendo a ser um empreendedor. In C. Borges (Org.), *Empreendedorismo Sustentável* (pp. 163-193). São Paulo: Saraiva.
- Gabriel, Y. (2018). Stories narratives. In C. Cassel, A. L. Cunliffe & G. Grandy (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods* (Chap. 5, pp. 63-81). London: SAGE.
- Gubrium, J. F., & Holstein, J. A. (2009). *Analyzing narrative reality*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Guimarães, L. O. (2002). Empreendedorismo no currículo dos cursos de administração: uma análise da organização didático-pedagógica. *Revista Economia e Gestão*, 2 (4), 78-95.
- Guimarães, J. C., & Lima, M. A. M. (2016). Empreendedorismo educacional: reflexões para um ensino docente diferenciado. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(2), 34-49. <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v10i2.715>.
- Hägg, G. (2017). *Experiential entrepreneurship education: Reflective thinking as a counterbalance to action for developing entrepreneurial knowledge*. Lund: Lund University.
- Heath, C., Hindmarsh, J., & Luff, P. (2010). *Video in qualitative research: analysing social interaction in everyday life*. Los Angeles: Sage Publications.

- Henrique, D. C., & Cunha, S. K. (2008). Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *Revista de Administração Mackenzie*, 9(5), 112-136.
- Higgins, D., Smith, K., & Mirza, M. (2013). Entrepreneurial education: reflexive approaches to entrepreneurial learning in practice. *Journal of Entrepreneurship*, 22(2), 135160.
- Hjorth, D. (2011). On provocation, education and entrepreneurship. *Entrepreneurship & Regional Development*, 23(1-2), 49-63. <http://dxdoi.org/10.1080/08985626.2011.540411>
- Kelemen, M., Rumens, N., & Vo, L. C. (2018). Questioning and Organization Studies. *Organization Studies*, 1-14. <http://0.1177/0170840618783350>
- Kim, J. H. (2016). *Understanding narrative inquiry*. Los Angeles: Sage Publications.
- Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. New Jersey: Prentice Hall.
- Krakauer, P. V. C., Porto, M. C. G., Oliveira, C. S. M., & Almeida, M. I. R. (2015). Ensino de empreendedorismo: utilização do business model generation. *Revista de Administração e Inovação*, 12(1), 07-23.
- Krakauer, P. V. C., Santos, S. A., & Almeida, M. I. R. (2017). Teoria da aprendizagem experiencial no ensino de empreendedorismo: um estudo exploratório. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(1), 101-127. <http://dxdoi.org/10.14211/regepe.v6i1.353>
- Kunter, A., & Bell, E. (2006). The promise and potencial of visual organizational research. *M@n@gement*, 9(3), 169-189.
- Kuratko, D. F. (2005). The emergence of entrepreneurship education: development, trends, and challenges. *Entrepreneurship: Theory & Practice*, 29(5), 577-597.
- Lima, E., Hashimoto, M., Melhado, J., & Rocha, R. (2014a, setembro). Caminhos para uma melhor educação superior em empreendedorismo no Brasil. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Administração*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 38.
- Lima, E., Nassif, V. M. J., Lopes, R. M. A., & Silva, D. (2014b). Entrepreneurship higher education and students' entrepreneurial intentions in Brazil – Report on the Brazilian GUESSS 2013-2014 [Working paper n. 2014-05]. *Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo*. São Paulo, Brasil.
- Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J., & Silva, D. (2015a). Ser seu próprio patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. *Revista de Administração Contemporânea*, 19(4), 419-439. <http://dxdoi.org/10.1590/1982-7849rac20151296>
- Lima, E., Lopes, R. M., Nassif, V., & Silva, D. (2015b). Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian challenges. *Journal of Small Business Management*, 53(4), 1013-1051. <http://dxdoi.org/10.1111/jsbm.12110>
- Limongi, R., Tet, F. M., Almeida, M. I. S., & Borges, C. (2012). Ensino do marketing empreendedor: descrição e análise comparativa de experiências realizadas em duas regiões brasileiras. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 6(3), 58-73.
- Lopes, R. M. A. (2010). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae.
- Lopes, R. M. A. (2017). *Ensino de Empreendedorismo no Brasil: Panorama, Tendências e Melhores Práticas*. Rio de Janeiro: Alta Books.
- Lucena, R. L., Centurión, W. C., & Valadão, J. A. D. (2014). Contribuições da pedagogia freireana na formação de administradores empreendedores. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 8(1), 01-16.
- Maitlis, S. (2012). Narrative analysis. In G. Symon, & C. Cassel (Eds.) *Qualitative organizational research: core methods and current challenges*. Los Angeles: Sage Publications.
- Morris, M. H., Pryor, C. G., & Schinderutte, M. (2012). *Entrepreneurship as experience – how events create ventures and ventures create entrepreneurs*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Morris, M. H., Kuratko, D. F., & Cornwall, J. R. (2013). *Entrepreneurship programs and the Modern University*. Cheltenham: Edward Elgar.



- Mehta, A., Yoon, E., Kulkarni, N., & Finch, D. (2016). An exploratory study of entrepreneurship education in multi-disciplinary and multi-cultural environment. *Journal of Entrepreneurship Education*, 19(2), 120 -138.
- Morgan, R., Game, A. M., & Slutskaya N. (2018). Qualitative research through documentary filmmaking: questions and possibilities. *The SAGE Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods* (Chap. 20, pp. 329-344). London: SAGE.
- Neck, H. M., & Greene, P. G. (2011). Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. *Journal of Small Business Management*, 49(1), 55-70.
- Neck, H. M., Greene, P. G., & Brush, C. G. (2014). *Teaching entrepreneurship – a practice-based approach*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Neck, H. M., Neck, C. P., & Murray, E. L. (2018). *Entrepreneurship: the practice and mindset*. London: SAGE.
- Oliveira, J. M. (2005). Reflexões teóricas sobre o ensino do empreendedorismo: a tentativa de construção de um modelo baseado na integração das áreas do conhecimento. *Revista de Administração, Economia e Contabilidade da UNOESC*, 4(1), 7-20.
- Oliveira, D. G. (2016). A evolução conceitual da educação para o empreendedorismo como um campo científico. *Revista Alcance*, 23(4), 547-567. <http://dx.doi.org/alcance.v23n4.p547-567>
- Oliveira, A. G. M., Melo, M. C. O. L., & Muylder, C. F. (2016). Educação empreendedora: o desenvolvimento do empreendedorismo e inovação social em instituições de ensino superior. *Revista Administração em Diálogo*, 18(1), 29-56. <http://dx.doi.org/%2010.20946/rad.v18i1.12727>
- Pittaway, L., & Cope, J. (2007). Entrepreneurship education: a systematic review of the evidence. *International Small Business Journal*, 25(5), 479-510. <http://dx.doi.org/10.1177/0266242607080656>
- Prior, L. (2003). *Using Documents in Social Research*. London: Sage Publications.
- Rae, D., & Carswell, M. (2000). Using a life-story approach in researching entrepreneurial learning: the development of a conceptual model and its implications in the design of learning experiences. *Education & Training*, 42(4), 220-228. <http://dx.doi.org/10.1108/00400910010373660>
- Rauch, A., & Hulsink, W. (2015) Putting entrepreneurship education where the intention act lies: investigation into the impact entrepreneurship education o entrepreneurial behavior. *Academy of Management Learning & Education*, 14(2), 187-204. <http://dx.doi.org/10.5465/amle.2012.0293>
- Rego, T. C. (2014). *Vygotsky – uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes.
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative Methods for the human sciences*. Los Angeles: Sage Publications.
- Rocha, E. L. C., Bacchi, G. A., Guerra, D. S., Jr. Rôla, E. M., & Pinheiro, D. R. C. (2011). Ensino de empreendedorismo nos cursos presenciais de graduação em administração em Fortaleza: um estudo dos conteúdos e instrumentos pedagógicos. *Revista Administração: Ensino e Pesquisa*, 12(3), 393-414.
- Rocha, E. L. C., & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(4), 465-486. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20141512>
- Rodrigues, S. C. M., Melo, M. C. O. L., & Lopes, A. L. M. (2013). Ensino do empreendedorismo sob a ótica de alunos e professores do curso de Administração de uma instituição de ensino superior (IES) privada em Minas Gerais. *Anais dos Seminários em Administração FEA-USP*, São Paulo, SP, Brasil, 16.
- Salusse, M. A. Y., & Andreassi, T. (2016). O ensino de empreendedorismo com fundamento na teoria *effectuation*. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(3), 305-327. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2016150025>
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2016). Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(3), 60-81. <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v10i3.816>
- Schön, D. A. (2007). *Educando o Profissional Reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem* (R. C. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed. (Obra original publicada em 1998).



- Shane, S., & Nicolau, N. (2015). Creative personality, opportunity recognition and the tendency to start businesses: A study of their genetic predispositions. *Journal of Business Venturing*, 30, 407-419.
- Silva, F. C., Mancebo, R. C., & Mariano, S. R. H. (2017). Educação empreendedora como método: o caso do MINOR em empreendedorismo e inovação da UFF. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(1). <http://dx.doi.org/196-216>. 10.14211/regepe.v6i1.411
- Simpson, B. (2009). Pragmatism, Mead and the Practice Turn. *Organization Studies*, 30(12), 1329-1347. <http://dx.doi.org/10.1177/0170840609349861>
- Sousa, J. L., Jr. Paiva F. G., & Filho Xavier, J. L. J. (2015). A Emergência do Empreendedorismo Educativo-Cultural: O Programa de Formação do Jovem Artesão. *Administração Pública e Gestão Social*, 7, 45-52.
- Souza, A. M., & Saraiva, L. A. S. (2010). Práticas e desafios do ensino de empreendedorismo na graduação em uma instituição de ensino superior. *Revista Gestão & Regionalidade*, 16(78), 64-77.
- Steyart, C. (2007). 'Entrepreneurship' as a conceptual attractor? A review of process theories in 20 years of entrepreneurship studies. *Entrepreneurship & Regional Development*, 19, 453-477. <http://dx.doi.org/10.1080/08985620701671759>
- Vieira, S. F. A., Melatti, G. A., & Ribeiro, P. R. (2011). O ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em administração: um estudo comparativo entre as universidades estaduais de Londrina e Maringá. *Revista de Administração da UFMS*, 4(1), 288-301.
- Vieira, S. F. A., Melatti, G. A., Oguido, W. S., Pelisson, C., & Negreiros, L. F. (2013). Ensino de empreendedorismo em cursos de Administração: um levantamento da realidade Brasileira. *Revista Ensino e Pesquisa em Administração*, 12(2), 93-114.
- Vygotsky, L. S. (1988). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores (2a ed., J. Neto Cipolla, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche, Trad.). (Coleção Psicologia e Pedagogia). São Paulo: Martins Fontes.
- Zampier, M.A., & Takahashi, A.R.W. (2011). Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. *Cadernos EBAPE Br*, 9, edição especial, Rio de Janeiro.
- Warren, S. (2018). Photography in qualitative organizational research: conceptual, analytical and ethical issues in photo-elicitation inspired methods. In C. Cassel, A. L. Cunliffe & G. Grandy (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods* (Chap. 15, pp. 239-261). London: SAGE.